

# ENTREVISTA COM LUIZ ALBERTO DAVID ARAUJO

---

## AUGUSTO NEVES DAL POZZO

Professor de Direito Administrativo e de Fundamentos de Direito Público na graduação e especialização da Escola de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo, Brasil) onde titulou-se Doutor e Mestre em Direito Administrativo.

ORCID: [<https://orcid.org/0000-0001-8891-7080>].

[augusto@dalpozzo.com.br](mailto:augusto@dalpozzo.com.br)

## RICARDO MARCONDES MARTINS

Professor de Direito Administrativo na graduação e nos cursos de pós-graduação (especialização, Mestrado e Doutorado) da Escola de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo, Brasil), instituição que titulou-se Doutor e Mestre em Direito Administrativo.

ORCID: [<https://orcid.org/0000-0002-4161-9390>].

[ricmarconde@uol.com.br](mailto:ricmarconde@uol.com.br)

*Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura (RDAI)*<sup>1-2</sup> – Nossa primeira pergunta é a mais pessoal. Como surgiu a escolha pela área jurídica? O que o fez escolher o Direito como profissão? E depois, pela Procuradoria do Estado? E pela Procuradoria da República? Como o senhor vê o Ministério Público hoje? Há críticas à instituição? Hoje, o senhor exerce a Advocacia. Como vê a atividade? O que o levou à atividade docente? Como vê a atividade?

*Luiz Alberto David Araujo* – Vamos começar do começo, a história de ter escolhido o Direito. Meu pai era advogado, veio do interior de São Paulo, da Cidade de Araras, lutou muito aqui em São Paulo, é de uma origem muito humilde, e conseguiu fazer a Faculdade de Direito, mas fora de São Paulo. É bom dizer que

- 
1. *Como citar esta entrevista/How to cite this interview*: Entrevista com Luiz Alberto David Araujo. Entrevistado por Augusto Dal Pozzo e Ricardo Marcondes Martins. *Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura – RDAI*, São Paulo, ano 6, v. 22, p. 381-414, jul./set. 2022. [Entrevista concedida pela plataforma zoom em 04.09.2020].
  2. Livre-docente (1999), Doutor (1992) e Mestre em Direito (1989) pela PUC-SP. Professor Titular de Direito Constitucional da PUC-SP. Procurador Regional da República aposentado. Líder do Grupo de Pesquisa “A proteção constitucional das pessoas com deficiência”. [lada10@terra.com.br](mailto:lada10@terra.com.br)

não havia cursos noturnos, os cursos noturnos da USP, que era a única que havia, começaram só no ano de 1953 ou 54; antes disso, só tinha curso diurno, de modo que se precisasse trabalhar não era possível fazer Faculdade de Direito. Então, ele fazia faculdade em Niterói; quando abriu Direito Noturno ele transferiu para São Paulo, e entrou na São Francisco, por transferência e concurso, e se formou lá. Era uma vida muito dura, fez concurso depois para Procurador do Estado, era um ótimo advogado em desapropriações, também um bom advogado trabalhista, e assim a carreira dele foi indo. Eu era o filho mais velho e para dizer bem a verdade, toda vez que perguntavam para mim o que eu queria ser, ou a minha mãe ou o meu pai interrompiam a conversa e diziam: “desde criança ele quer ser advogado”. Eu, na verdade, não me lembro da primeira vez que eu disse que queria ser advogado, mas como todo mundo dizia que eu queria ser advogado, então eu pensei: “está bom, acho que é isso mesmo”. Fiz um cursinho preparatório, um cursinho muito peculiar, muito engraçado. Depois eu virei professor desse cursinho, um cursinho preparatório para entrar na Faculdade, e tive, por exemplo, como alunos ilustres como o [José Rogério Cruz e] Tucci, o Lineu Bonora Peinado, que se aposentou agora, foi desembargador. Então, fiz o cursinho, entrei na Faculdade, cursei no Largo São Francisco e fiquei lá por 5 anos.

Fui, então, fazer estágio na Procuradoria do Estado. Fiz um concurso, fui aprovado e designado para trabalhar com um Procurador do Estado, chamado Michel Temer. Quando terminou o estágio, eu fui procurá-lo e disse: “vim me despedir, estou terminando o estágio, são dois anos, preciso ir embora agora”. Ele me perguntou: “o que você vai fazer?”. Respondi: “Não sei, vou começar a advogar, estou terminando a Faculdade”. Ele, então, me perguntou: “Você não quer começar a dar aula?”. “Eu adoraria, mas não sei nem do que e como, porque estou me formando agora [...] fiz o exame da Ordem”. Ele propôs: “Começa lá na PUC comigo, vou te ensinando as coisas”. Assim eu comecei a dar aula com ele. Depois ele me levou para Itu, onde ele era professor, foi diretor da escola várias vezes; eu fiquei lá por um bom tempo. Em suma, depois ele começou a carreira política e eu já estava na PUC. Isso foi no ano de 1978, 1981, por aí.

Eu fui fazendo a carreira docente na PUC-SP. Na época, nós tínhamos um curso de especialização aos sábados, então nós tínhamos uma reunião, ou que era na casa do Professor Michel, ou em outro local, onde todos os professores, o Professor Celso Antônio [Bandeira de Mello], Professor Celso [Ribeiro] Bastos, Professor Michel [Temer] se reuniam para debater as questões que nós íamos discutir na manhã do sábado. Eram encontros muito ricos, lembro-me sempre com muito carinho. Edgard Silveira Bueno, Fernando Fortes compunham nosso grupo de

não tomar vacina, pode exercer a liberdade? Eu só não gostaria de pagar o tratamento médico dele, porque eu tomei vacina, não acho justo o sujeito querer usar a liberdade dele, qualquer que seja a liberdade, e depois usar o serviço público. Logo, – e acho que até o Supremo pode decidir isso – é que está assegurada a liberdade, é claro, mas nós não precisamos suportar financeiramente esse indivíduo, porque não tem condição de nós bancarmos a liberdade de não tomar vacina.

Bem, é isso, a questão política eu acho que anda um pouco – um pouco, para ser muito simpático – exagerada em certas posições. Acho que o Governo podia estar um pouco mais preocupado com o meio ambiente. A minha esperança é que o agro, uma hora dessas, quando for ameaçado, diga: “vamos cuidar um pouco mais da Amazônia”. Mas isso é uma outra história que fica para outra vez.

*Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura (RDAI)* – Como o senhor vê o ensino no Direito atualmente? Pareceemos vivenciar uma crise no uso do vernáculo e no aprofundamento teórico. Como lidar com isso?

*Luiz Alberto David Araujo* – Ontem eu ouvi na *internet* um vídeo de uma moça que estava explicando Direito Penal cantando a “Galinha Pintadinha”. Quer dizer, o Professor Lenio Streck diz que, se eu entrar em um consultório médico – já contei isso aqui mesmo –, e ver lá “curso simplificado de não sei o quê” ou “curso esquematizado de não sei o quê”, no cardiologista, levanto e vou embora. Mas isso é uma opção de cada. Agora, inegavelmente, sob o pretexto da facilitação, você hoje tem coisas que são simplistas demais, e que impedem o raciocínio do difícil. Só se chega a um bom termo diante de problemas complicados, porque o problema fácil se resolve fácil, com cantos, com repetições. É por isso que eu acho que o professor tem que provocar os seus alunos, e tem que provocar trazendo coisas complexas para eles, porque é a forma de bem-querer. Como eu vou querer bem meus alunos? Provocando, puxando para cima sempre. Quanto mais eu semeio o debate na sala, a discórdia – depois tem que explicar qual é o certo –, quanto mais eu semeio tudo isso, estou treinando essa turma. E o fácil, o “quadrado”, eu acho que isso não nos leva a nada.

Se você me perguntar: o tema do transexual foi um tema fácil? Não, mas não foi mesmo, eu devo ainda estar com algumas marcas da arguição da tese, que não foi realmente fácil. Mas é o debate, é a discussão, é a vida. Dois: você acha que o conceito de pessoa com deficiência é um conceito fácil? Você acha que o problema do autista ou do espectro autista é fácil de solucionar? São coisas complicadíssimas, mas que a gente não pode abandonar porque é complicado. Temos que tentar chegar perto ou chegar o mais perto possível do que a gente acha justo.

Eu acho que o aluno tem essa sensação, se o professor dá para ele o instrumental, ele vai capengar um pouco, vai sentir dificuldade, mas ele não vai abandonar a briga, ele compra a briga e discute. Acho que isso é o nosso papel. Agora, é

claro, se eu chegar lá na frente e colocar o *powerpoint* e dizer: “esse aqui é o livro do Luiz Alberto, esse é o livro de não sei quem, que diz isso, isso e isso”. Ah, que bacana, ótimo. Mas será que isso está certo? Será que o que ele está afirmando é atual? Será que isso não mudou? Como fica isso diante dos fenômenos de informática? Acho que temos esse papel tem que ser exercido, temos que exercer para que a gente garanta essa lucidez. E nesse ponto a PUC tem uma grande vantagem, nesse ponto nós temos uma maleabilidade maior. Nós somos, não digo mais modernos, mas somos mais flexíveis para isso. Acho que nós conseguimos chegar mais perto de um bom resultado.

*Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura (RDAI)* – Qual sua mensagem para os estudantes e profissionais do Direito Público?

*Luiz Alberto David Araujo* – É simples, acho que tem que, primeiro, procurar lutar pelo justo. E dois: não aceitar solução fácil. A solução fácil é a solução burrinha, não vai levar a nada. Se achar que chegou a uma solução fácil, procure um pouco mais. As coisas têm que ser provocadas, eu tenho que pegar qualquer dispositivo constitucional, analisar e dizer: “mas esse sentido só [...] eu tenho que procurar outro sentido”. Esse outro sentido é o certo, é o errado? Por quê? Por causa disso e disso. Quer dizer, a gente não pode ceder ao texto fácil, ceder ao texto fácil é ceder ao Direito fácil. Aí nós estamos perdidos, porque eu não vou ter argumento para derrubar [...] se eu leio uma petição inicial: “nossa! Que beleza, hein? Li a petição inicial, olha, está imbatível. Acho que não tenho o que fazer aqui”. O seu cliente vai dizer: “Eu sou réu! Nós precisamos contestar isso!” “Ah, não tem como. O advogado da outra parte é bom mesmo!” [risos]. O seu cliente vai sair correndo, o Doutor Dal Pozzo vai empobrecer, coitado. Acho que não dá certo, acho devemos pegar o texto: “Onde está errado? Isso aqui está equivocado! Essa afirmativa não tem sustentação! Nisso aqui ele passou rapidamente e não tem conteúdo!” É esse treino que nós precisamos aprender e fazemos muito bem na PUC-SP, sem demérito de outras escolas. Eu acho que temos que fazer isso, é tirar o aluno da zona de conforto, ele vai ser o instigante, e depois vai ser um bom professor.